

Apresentação **Por uma Análise Foucaultiana dos Discursos**

Introduction *For a Foucauldian Discourse Analysis*

Atilio Butturi Junior
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Pedro Navarro
Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Vanice Sargentini
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

Michel Foucault sempre escreveu sobre as práticas discursivas. Não se tratava de pensar uma língua formal, nem um sujeito como pré-condição de todo conhecimento ou de sua garantia, nem mesmo de criar uma metodologia, como muitos gostariam. A prática, como reiteradamente mobilizou em seus estudos, delineava-se naquele fio de navalha que implica o acontecimento e a repetibilidade (muitas vezes exaurida), por um lado, e as diversas redes de relações forjadas naquilo que Foucault caracterizou como a dispersão.

Chamamos a prática para esta apresentação por dois motivos: o primeiro, que podemos pensar como da ordem mais dicionarizada, diz respeito a um *modo de fazer* linguística do discurso no Brasil que, ao menos desde o início do século XXI, tem se desenhado a partir de Foucault e hoje se compõe de um conjunto heterogêneo e profícuo de pesquisas que se espraiam – como gostava de pensar Foucault sobre os dispositivos e seus efeitos – e exigem uma certa institucionalização, como no caso da criação *do GT de Estudos Discursivos Foucaultianos da Anpoll*, em 2018, ou da série de publicações que têm congregado pesquisadoras e pesquisadores que praticam a análise do discurso “orientada foucaultianamente”.

À essa primeira entrada de prática cabe aproximar aquela arqueogenealógica, justamente porque esse novo campo do discurso se produz como resposta a certas urgências históricas e tem mostrado seu vigor ao colocar em discussão as problematizações que configuram nossa atualidade. Nesse caso, a prática, como



queremos pensar aqui, é acadêmica, mas no sentido de considerar a universidade e a pesquisa como campos estratégicos e políticos. É, sobretudo, uma prática de intervenção, que quer inventariar insurgências, resistências e deslocamentos – além de normalização, controle e exceção.

Ainda por ser uma prática, mobilizamos não somente os elementos que compõem o campo do saber e a ordem do poder nas análises, como também assumimos uma posição nessas duas instâncias, qual seja: a do intelectual específico, do qual se espera uma pesquisa que seja capaz de intervir em determinado diagrama biopolítico local, de tal sorte que possa tornar visível o mecanismo de poder que se exerce por meio de práticas sutis e dissimuladas.

Este número dedicado aos estudos discursivos foucaultianos, que organizamos e apresentamos, traz no bojo esses dois efeitos da prática discursiva. Nele, fazemos circular textos variadamente instigantes, porque apontam para a proficuidade de Michel Foucault e, sobretudo, porque dão a conhecer aquilo que fazemos, em rede, nos estudos linguísticos brasileiros, com base nesse autor e em sua *caixa de ferramentas*.

Em virtude desse acento dado à prática, o número é iniciado com duas entrevistas, de uma pesquisadora e um pesquisador que, de maneira distintas, ousaram incluir – de modo, diríamos, mais “incisivo” – o trabalho de Michel Foucault no interior do campo discursivo brasileiro. Nas duas entrevistas, podemos ler tanto uma história arqueológica da entrada de Foucault na análise do discurso brasileira, que marca o trabalho acadêmico de **Maria do Rosário Gregolin** - entrevistada por Pedro Navarro e Vanice Sargentini - e de **Pedro de Souza** - entrevistado por Atilio Butturi Junior -, mas também a história desses dois sujeitos, seus afetos e sua *coragem de verdade*.

A primeira parte, que intitulamos de **Conceitos de M. Foucault em debate: contribuições e deslocamentos**, é composta por três artigos. O primeiro deles, “Saussure e Foucault, língua e discurso” (“*Saussure and Foucault: language and discourse*”, também em versão em inglês, neste número) escrito por Cleudemar Fernandes e Vanice Sargentini, vai partir da relação entre Michel Foucault e o estruturalismo, notadamente saussureano, para apontar as cisões, aproximações e os deslocamentos que, na *Arqueologia do Saber* (1969) tem lugar na produção de uma problematização acerca do discurso e do enunciado, naquilo que oferecem de materialização linguística mas, sobretudo, naquilo que exigem de dispersão e descontinuidade.

O artigo “Implicações do conceito foucaultiano de heterotopia nos estudos discursivos”, escrito por Décio Rocha e Bruno Deusdará, também recorre a um escrito dos anos sessenta, mas cuja tônica diz respeito a uma experiência espaço-temporal. Os autores recorrem, inicialmente, a uma breve história da invenção do conceito de heterotopia (e de suas transformações), desde *As Palavras e As Coisas* (1966) para então apartar uma concepção linguística e uma foucaultiana – a segunda, relacionada a um rompimento dos limites. Por fim, ancorados em seu trabalho com a cartografia dos discursos, Rocha e Deusdará fazem uma breve análise de um texto jornalístico e concluem sugerindo a proficuidade político-metodológica do pensamento heterotópico.

Michel de Vilhena Ferreira, Carlos Jorge Paixão e Damião Bezerra Oliveira são os autores do artigo seguinte, “Elementos de linguagem e arqueogenealogia em Michel Foucault”. O texto tem por objetivo apresentar a arqueogenealogia foucaultiana como um paradigma que rompe com um paradigma filosófico da consciência. Para tanto, o texto apresenta uma discussão sobre o papel da linguagem em seu papel acional na produção da arqueogenealogia na modalidade do discurso e da prática discursiva, o que traz implicações diretas para e uma série de rompimentos com as metodologias da filosofia, da história tradicional e das ciências humanas.

A segunda parte desta edição, **A atualidade de Michel Foucault**, volta-se para problematizações que nos afetam na contemporaneidade mais imediata. O primeiro artigo dessa parte é de autoria de Regina Baracuhy e Dayane Oliveira. Intitulado “Jogos de Verdade e o Dispositivo do Cancelamento nas Redes Sociais”, o escrito aposta na leitura da chamada “cultura do cancelamento” como um dispositivo de controle que, em relação com outros dispositivos (midiático e jurídico) exerce uma política mortal do verdadeiro. As autoras tomam um exemplo – o “caso” de homofobia do jogador Mauricio de Souza – para descrever o funcionamento específico e os efeitos desse dispositivo e apontar em Foucault as possibilidades de descrição.

“*The (re)invention of the face: a study of contemporary practices of imprisonment and objectivation*”, artigo de Jheny Iordany Felipe de Lima, Marcelo Vinicius Costa Amorim e Bruno Franceschini, também se inscreve na senda das pesquisas sobre as redes sociais, num diálogo entre Foucault e Byung-Chul Han, para descrever o funcionamento da rostidade e de suas exigências corpóreo-discursivas na rede Instagram. À “lógica dos filtros”, conforme o artigo, os autores propõem que poderia se opor um debate mais

abrangente sobre como temos nos produzidos e produzido aos outros por critérios cada vez mais exigentes e redutores.

Pedro Henrique Varoni de Carvalho é o autor do artigo que fecha nossa segunda parte. Em “O bárbaro tecnizado contemporâneo: rios submersos da antropofagia” (“*The contemporary technized barbarian: submerged rivers of anthropophagy*”, também publicado em inglês neste número), o autor se volta para o *Manifesto Antropofágico* e para sua retomada tropicalista em seu poder de insurgência para, então, colocar em discussão o que chama de “insurreições contemporâneas”, quais sejam, aquelas relacionadas à cosmologia indígena conta o antropoceno e a lógica de destruição em curso – como atestam os textos de Viveiro de Castro e a exigência do perspectivismo na condição de resistência e invenção.

A terceira parte desta *Revista da Anpoll* intitulamos **Memória, história e discurso político**, composta novamente de três artigos. Em “As comissões de verdade e a ‘política dos restos’: entre a produção de memórias e a formação do autoritarismo contemporâneo”, Israel de Sá analisa os discursos e efeitos das Comissões da Verdade, notadamente a Nacional, a de Minas Gerais e a do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba) e os efeitos do que chama de “política dos restos” relacionadas aos corpos e subjetividades mais vulneráveis e que aparecem reinscritos na atualidade. O autor toma os processos de demarcação de terras e a violência contra os indígenas, então, para dar a ver os processos de exclusão cuja memória e cujas estratégias remetem à ditadura e às modalidades de governo a ela relacionadas.

Por sua vez, o artigo “Dizer a verdade sob todos os riscos: *parresia* de Carlos Marighella em pronunciamento na Rádio Nacional” (“*Telling the truth at all risks: parrhesia by Carlos Marighella in a speech on National Radio*”, publicado nesta edição também em inglês), de Renan Mazzola, também se volta para a memória da ditadura no Brasil, tendo como ponto de partida o “franco falar” que Foucault investigou em algumas aulas – e que Mazzola retoma sobretudo de A Coragem da Verdade. Depois de fazer uma apresentação teórica do falar parresiástico, o autor se debruça sobre o discurso de Marighella transmitido em 1969, fazendo notar seu funcionamento parresiástico e no limite da morte no interior dos dispositivos de controle ditatorial.

Fecha a terceira parte “O acontecimento da *trollagem* na ordem do discurso político brasileiro: fronteiras entre humor e discurso de ódio” (“The event of *trolling* in

the order of Brazilian political discourse: boundaries between humor and hate speech”, aqui publicado também em inglês), assinado pelas autoras Myllena Araujo do Nascimento e Amanda Braga, a *trollagem* é abordada como um acontecimento que singulariza o discurso político brasileiro na atualidade, pelo fato de se situar entre o humor e o discurso de ódio. Nascimento e Braga observam que a ascensão da extrema direita e as práticas discursivas que surgiram nesse contexto constituem, por assim dizer, o solo epistemológico para a formação desse elemento da regra de formação do discurso político em um espaço notadamente minado. A descrição enunciativa realizada permitiu concluir que a materialidade desse acontecimento se dá tanto na fala pública quanto no gesto público. Ainda, por ser um acontecimento na ordem do discurso e estar constitutivamente atravessada pelo efeito humorístico e inofensivo, a *trollagem* dá ancoragem para a emergência de discursos autoritários e conservadores.

Michel Foucault e um pensamento do corpo é a quarta parte desta edição, composta de quatro artigos. Tem início com Fernanda Bonomo Bertola e Pedro Navarro e seu artigo “Sujeito-corpo-discurso violentado: uma análise de enunciados-sentença jornalísticos sobre o estupro feminino” (“*Violated subject-body-discourse: an analysis of journalistic utterance-sentences on female rape*”, na versão em inglês que ora publicamos), no qual analisam o processo que faz do corpo violentado da mulher um objeto de discurso em textos jornalísticos. Trata-se de um esforço dos autores para descrever os efeitos de poder e de verdade que possibilitam a emergência de sentenças em discursos da mídia jornalística brasileira, a fim de se realizar, minimamente que seja, uma crítica do presente, a partir do que é dado a conhecer sobre a sociedade em que vivemos. Bertola e Navarro defendem a tese de que a dinâmica existente entre poder, verdade e sujeito-corpo-discurso violentado é um importante instrumento, por meio do qual é possível observar o funcionamento do dispositivo da culpabilização que emerge dos enunciados-sentença sobre as vítimas de estupro.

Já no artigo “O dispositivo crônico da AIDS e os discursos da soropositividade: uma análise dos enunciados de mulheres brasileiras e portuguesas” (“*The AIDS chronic apparatus and the discourses of seropositivity: an analysis of the enunciations of Brazilian and Portuguese women*”, em versão em inglês também disponível nesta edição), Atilio Butturi Junior e Camila de Almeida Lara, amparados na noção de agonística, elaborada por Michel Foucault, analisam as modalidades de governo

biopolítico (em sua relação com o as discussões do realismo agencial) que emergem das entrevistas feitas com mulheres soropositivas brasileiras e portuguesas. A análise dá a conhecer que, como parte das vulnerabilidades que identificam esse grupo, “o gênero ganha espaço nas agendas internacionais e o conceito de grupo de risco passa a ser lido como ratificação de estigmas”. Os autores concluem que, nos enunciados das mulheres, essa vulnerabilidade gendrada exerce um funcionamento discursivo que produz um silenciamento da feminilização da epidemia, assim como a emergência de uma subjetividade perigosa. Em termos de efeitos de poder sobre as entrevistadas, observa-se um deslocamento em direção à invenção de si como soropositivas.

Elivelto Cardoso e Silva e Katia Menezes de Sousa, no texto “Uma análise discursiva foucaultiana das visibilidades do macho em aplicativos de relacionamento”, analisam o funcionamento da gramática binária “macho/fêmea”, que é reproduzida online. Com base nisso, observam as visibilidades sexuais que se moldam a essa gramática e, por corolário, valorizam aqueles homens considerados machos. Em termos de visibilidades desse objeto binário, tal como replicado nos aplicativos de relacionamento analisados, a série enunciativa, extraída do Grindr e do Scruff sobre as maneiras de se ver um “cara macho”, permitiram aos autores concluir que “a voz, as gírias usadas, a barba e demais pelos corporais, o suor, o tônus corporal e a ausência de “biquinhos” em fotografias constituem modos de ver e de ser “macho”, ressaltando os homens vistos como afeminados, os quais se enquadram na categoria de objeto/usuário que sofre exclusão nos aplicativos em que esse segmento circula.

Encerra a quarta parte o texto “A palavra de ordem é emagrecer! Autocontrole e autorregulação dos corpos dos sujeitos na revista *AnaMaria*” (“*The watchword is to get slim! Self-control and self-regulation of subjects' bodies in the AnaMaria magazine*” em versão em inglês também disponível nesta edição). Suas autoras, Suélem do Sacramento Costa de Moraes e Bárbara Hees Garré, partem da seguinte problematização: de que modo a mídia contemporânea opera na constituição dos corpos dos sujeitos? Na tentativa de encontrar respostas a essa questão, debruçam-se sobre práticas discursivas que tomam o corpo magro e saudável, tal como construído em reportagens da revista *AnaMaria*, a partir das quais descrevem e observam como esse objeto, assim constituído, entra como parte estratégica de um jogo de poder-saber que tem como alvo conduzir as condutas das leitoras, uma vez que essa relação se exerce por meio de uma enunciação que “ensina

modos de ser e de viver, sobre diversas abordagens”. Moraes e Garré concluem que esse tipo de discursividade faz parte de uma ordem discursiva vigente, que é constituída, reafirmada e reverberada nos tempos atuais.

O corpo e as manifestações feministas: as lutas antiautoritárias é a quinta parte desta edição foucaultiana da *Revista da Anpoll* e conta com três artigos. Denise Gabriel Witzel, em “Discurso, corpo utópico e escrita de/em si”, analisa os enunciados *Não é não* e *Meu corpo, Minhas regras* para dar um valor de acontecimento ao movimento de resistência de mulheres que desobedecem a preceitos tradicionais e morais, como os que emergem nas ruas e, também, nas mídias digitais. Witzel chama a atenção para o fato de que tais enunciados comportam-se como práticas discursivas e, pela função que ocupam, visibilizam práticas de liberdade “que surgem contemporaneamente como uma resposta, reação à formação de saberes - formação históricas constituídas por enunciados e visibilidades”. A análise da autora lança luz sobre um aspecto crucial na luta que se trava no espaço enunciativo em que as questões de gênero assumem um papel tático em termos de resistência: o corpo da mulher deve saber jogar o jogo de poder-saber das regras dessa batalha, e esse conhecimento (experiência) pode fazer dele um poderoso exercício de escrita de si e de prática de liberdade.

Em “Do enunciável ao visível e do visível ao enunciável: as cintilações e reverberações presentes em manifestações feministas” (“*From the enunciable to the visible and from the visible to the enunciable: the scintillations and reverberations in feminist movements/manifestations*”, na versão em inglês que também consta no número), Ana Christina de Pina Brandão e Antônio Fernandes Júnior realizam uma reflexão sobre o tema das práticas de liberdade, a partir de três imagens de manifestações femininas que consideram relevantes, porque iluminam algumas lutas contra estruturas sociais de poder, tais como o direito ao voto, o questionamento das práticas machistas em concursos de beleza e os debates sobre cultura do estupro. Brandão e Fernandes Júnior justificam a seleção do material de análise pelo fato de cada imagem agregar “visibilidades e dizibilidades singulares, nas quais os regimes de luz e de enunciados tencionam práticas de aprisionamento e liberdade”. Pautados na relação entre desejo e liberdade, consideram esses dois elementos um importante instrumento de resistência da mulher para se constituir como sujeito jurídico e como sujeito feminino, em face dos mecanismos de saber e das técnicas do poder patriarcal.

Ivânia dos Santos Neves fecha a quinta parte. Em “Vidas que incomodam: Marielle Franco e o dispositivo colonial”, apresenta Marielle Franco, assassinada em março de 2018, como uma posição de sujeita e um lugar de enunciação que fizeram circular uma rede enunciativa que colocou no centro no debate político aquilo que a autora chama de dispositivo colonial no Brasil, na medida em que trouxe à tona a luta pela igualdade de gêneros, bem como descortinou o funcionamento de um Estado racista, porque deixa à margem de qualquer direito as populações das favelas cariocas. Dado seu status de acontecimento na ordem do político, Franco era uma força que tentava implodir o referido dispositivo. Nessa direção, Neves argumenta que Marielle Franco produziu discursos que denunciavam duas práticas históricas: “a subalternização da mulher e a força do patriarcado, que representam um dos eixos centrais do dispositivo colonial” e são estruturantes na América Latina. A autora finaliza seu texto afirmando que é preciso resistir a esta ordem de poder-saber para desestabilizar o dispositivo, forçando-o a se dobrar.

No conjunto de artigos referentes ao tema **Governamentalidade, biopolítica e as resistências nas ações de ensino**, sexta parte do número que aqui publicamos, pode-se verificar que a atualidade de M. Foucault se estende até mesmo a atividades de ação dos professores nas escolas. Exemplo disso é o artigo “A interação professor-aluno como prática de subjetivação docente” (“*Teacher-student interaction as a practice of teacher subjectivation*”, aqui em versão em português e inglês), no qual Adéli Bortolon Bazza discute como as lutas de saberes e poderes, presentes nas questões educacionais, podem ser apreendidas num arquivo sobre a educação, ao se analisar uma série enunciativa composta de textos que circularam em sites jornalísticos e em redes sociais. Os resultados apontam para a existência de uma prática produzida em diferentes dispositivos, que produz discursivamente a subjetivação do professor ideal como um sujeito acolhedor em relação a seus alunos.

No artigo “‘Quero brincar em paz’: os efeitos dos discursos produzidos sobre a favela no cotidiano das crianças que habitam esses territórios” (“*I want to play in peace’: the effects of the discourses produced about the favela in the daily lives of children who inhabit these territories*”, na versão em inglês neste número), Gabriel Lima Simões e Michelly Ferreira da Silva analisam como a propagação dos discursos sobre as favelas do Rio de Janeiro moldaram a relação da sociedade com as favelas e seus moradores. O

artigo toma como objeto um projeto desenvolvido por moradores do Complexo da Favela de Manguinhos e revela que é possível as crianças ressignificarem as dores e os medos causados pela violência presente no local.

As autoras Dhietelly Morghana Almeida Santos, Renata Sperrhake e Camila Alves de Melo analisam como as estatísticas de alfabetização produzem discursivamente uma noção de risco relacionada à aprendizagem da população infantil. Intitulado “O discurso das estatísticas de alfabetização: biopolítica no gerenciamento do risco do analfabetismo infantil provocado pela pandemia de Covid-19” (“*The discourse of literacy statistics: biopolitics in managing the risk of child illiteracy caused by the Covid-19 pandemic*”, em versão em inglês neste número), o artigo discute a relação poder-saber posta em funcionamento pelas estatísticas para o governo da população – a biopolítica – e com isso mostra como as políticas públicas constroem e valem-se discursivamente das estatísticas para apontar os riscos que dizem ser necessário prevenir.

O artigo “Regimes de verdade e sexualidade: um olhar sobre a instituição escolar em enunciados do projeto ‘escola sem partido’”, de autoria de Laurianne Guimarães Mendes e Vinícius Durval Dorne, discute a constituição discursiva da instituição escolar pelos enunciados decorrentes de integrantes e simpatizantes do movimento político Escola sem Partido, com foco especial, sobre a noção de sexualidade. Os resultados de análise indicam que a estratégia discursiva do referido projeto aposta na sensibilização da família, ação empregada como um dos principais instrumentos da governamentalidade para o controle da população.

Os artigos reunidos sobre o tema **Heterotopias: espaços, experiências e distopias**, última parte deste número dedicado aos estudos foucaultianos, expõem a produtividade do conceito de Heterotopia conforme problematizado por M. Foucault. Bruna Cristina Almeida Faria e Andréa Zíngara Miranda, no artigo “A contribuição dos estudos discursivos foucaultianos para uma análise do espaço heterotópico *Azmina*” analisam, na revista eletrônica AzMina, edição de março de 2020, uma sequência discursiva de autoria do Sr. Jair Messias Bolsonaro. As análises indicam que o espaço heterotópico configurado nessa Revista gera novas significações e valores aos desnaturalizar as convenções, vindo a representar as mulheres em sua heterogeneidade.

Em “Experiências heterotópicas no cinema e na arte: Camila O’Gorman e lugares outros” (“*Heterotopic experiences in cinema and art: Camila O’Gorman and other*

places”, na versão em inglês que ora publicamos), as autoras Poliana Coeli Costa Arantes, Evânia Maria Ferreira do Nascimento e Luísa Perissé Nunes da Silva analisam experiências heterotópicas do cinema e da arte argentinos em torno da figura de Camila O’Gorman, uma jovem que torna-se um mito histórico argentino após ter sido assassinada em 1848. As obras que compõem o arquivo de análise são a obra cinematográfica *Camila* (1984) da cineasta argentina Maria Luisa Bemberg e a collage do escritor e artista argentino Enrique Molina que ilustra a capa de seu romance *Una sombra donde sueña Camila O’Gorman* (1994).

Fundamentando-se no conceito de distopia, Willy Nascimento Silva e Luciane Alves Santos, apresentam o artigo intitulado “Juventudes distópicas: a rebeldia como dispositivo de segurança em *Fahrenheit 451*”. Os autores problematizam, tendo como guia a ficção científica *Fahrenheit 451*, como os dispositivos de segurança com suas tecnologias de poder e a governamentalidade modelam a juventude e controlam sua rebeldia de forma a produzir uma juventude politicamente neutra.

Encerrada a apresentação, queremos agradecer a todas as pessoas que enviaram seus textos (recebemos mais de noventa submissões e nem todas, infelizmente, puderam constar no número), especialmente, aos autores e às autoras dos artigos que compõem a edição. Além disso, agradecemos à editoria da *Revista da Anpoll* pelo acolhimento da proposta – inicialmente, à professora Mailce Borges Mota, nossa interlocutora principal – e ao Pedro Bin, cuja dedicação ao trabalho de editoração é exemplar.

Creemos, por fim, que os trabalhos aqui reunidos possam funcionar como uma espécie de mapa geral do que se tem feito no Brasil nos estudos discursivos foucaultianos e é dessa perspectiva que convidamos todos à leitura.

Atilio Butturi Junior
E-mail: atilio.butturi@ufsc.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9985-2259>

Pedro Navarro
E-mail: navarro.pl@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3267-4985>

Vanice Sargentini
E-mail: sargentini@uol.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7760-3075>